

10/7/2012 08:52:00

GRALHA AZUL

“Choveu pinhão” em Campinas do Sul

Iniciativa do Governo do Estado busca fazer um resgate econômico, social, ambiental e cultural de espécies nativas

Daniele Canfil(Redação Frechum - DM)Jornalista - daniele@diariodamanha.net

Há muitos anos as araucárias estão sendo consideradas verdadeiras pragas pelos produtores rurais, que viram a legislação ficar cada vez mais rigorosa para a derrubada desta espécie. Pensando em mudar essa forma de ver a planta, o Governo do Estado, através do Defap/Sema - Departamento de Florestas e Áreas Protegidas da Secretaria de Estado do Meio Ambiente criou o Programa de Educação Florestal Gralha Azul que tem como objetivo fazer o reflorestamento de espécies nativas como o pinheiro brasileiro, a erva-mate e o palmito. Nesta segunda-feira, 9 de julho, aconteceu a primeira atividade do programa, no interior do município de Campinas do Sul, onde 1,6 tonelada de pinhão foi jogada do céu em 40 hectares de área.

Segundo o diretor do Defap/Sema, Roberto Magno Ferron, o pinheiro brasileiro é considerado um “dinossauro verde” porque habita o sul do país há 280 milhões de anos, mas hoje já se perdeu essa identidade e a árvore está ameaçada de extinção. “Por causa das restrições para derrubada dos pinheiros, os agricultores consideravam uma praga, então quando começava a germinar eles cortavam”, observa Ferron.



(Os pinhões para reflorestamento foram comprados pela RGE / FOTO DANIELE CANFIL / DM)

Um dos motivos por ser considerada uma praga é que muitos disseminadores naturais acabavam levando os pinhões para locais onde o gado pastava, para beira de mato e a árvore germinava e se desenvolvia, não podendo mais ser cortada. “Nós queremos mostrar que, se o produtor plantar o pinheiro e fizer o registro no Cifpen [Certificado de Identificação de Floresta Plantada com Espécie Nativa] depois de 20 / 30 anos ele pode cortar. Além do mais, mostrar que não é uma praga e que

tem um valor econômico muito grande”, explica. O objetivo do programa é plantar 10 milhões de mudas até 2014 e tirar a araucária da ameaça de extinção.

40 quilos de pinhão jogados do céu

O primeiro passo foi dado ontem, em duas ilhas da Tractebel Energia, localizadas no lago da Usina Hidrelétrica do Rio Passo Fundo, em Campinas do Sul. As duas ilhas somam 40 hectares onde foram despejados 40 quilos de pinhão, uma média de cinco mil pinhões por hectare. Conforme Ferron, a expectativa é que germine de 10 a 20% das sementes. “Se isso se concretizar serão de 500 a mil mudas por hectare”, enfatiza.

De acordo com Ferron, o programa prevê uma quebra, tendo em vista que os pinhões são jogados do céu e não enterrados como os disseminadores naturais fariam. Para isso, alunos e professores do Curso de Engenharia Ambiental, da Universidade Federal de Santa Maria – Campus Frederico Westphalen, vão monitorar todo desenvolvimento das araucárias e a efetividade do projeto, entre outros estudos que poderão ser desenvolvidos a partir da oportunidade.

“ O pinheiro brasileiro é considerado um “dinossauro verde” porque habita o Sul do país há 280 milhões de anos, mas hoje já se perdeu essa identidade, e a árvore está ameaçada de extinção.

”

De acordo com o gerente regional da Tractebel Energia, Elinton Chiaradia, a UHE Passo Fundo tem 470 hectares de áreas que eram agricultáveis e que hoje formam 71 ilhas. No ano passado, a empresa plantou 53 mil mudas de árvores e este ano objetivo é chegar a 60 mil mudas. “A Tractebel vem recuperando áreas que antes eram de agricultura e a proposta do Ferron veio ao encontro disso. O projeto tem potencial para

crescer dentro das áreas das nossas usinas”, observa Chiaradia, ressaltando que, na Barragem de Itá, há mais 300 hectares de área de preservação.

O programa é desenvolvido pelo Defap/Sema do Governo do Estado, em parceria com a Tractebel Energia, RGE, UFSM e Aerodinâmica Aviação Agrícola.



(A chuva de pinhão aconteceu em áreas que antes eram agricultáveis e hoje tem apenas capoeira / FOTO DANIELE CANFIL / DM)